



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Proprietária—Casa do Galato do Pôrto—Paço de Sousa
Vales do Correio para Cete

DIRECTOR E EDITOR—PADRE AMÉRICO

Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun'Alvares—R. Santa Catarina, 62B—Pôrto



Continuação das Jornadas

ENCONTRAR e saborear o amargo que é hoje o apertão dos comboios, constitue por si mesmo um passo decidido. Só quem por lá anda é que pode avaliar!

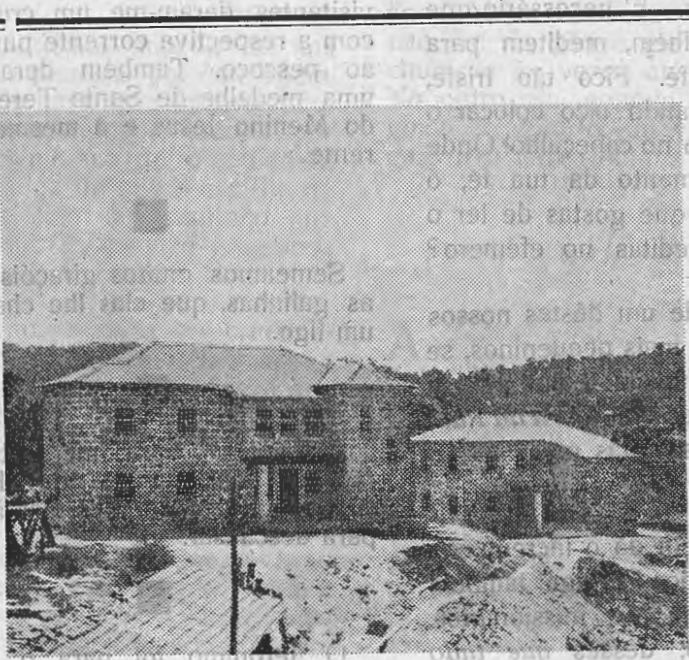
Ficamos, em o derradeiro numero, com o pé no estribo para São Martinho do Pôrto. O percurso do Pôrto até lá, é extenso. Os comboios daquela linha, aborrecidos. Procurei amenizar, quebrando a viagem em Coimbra, onde fiquei um dia. Estive ali com os nossos rapazes do Lar. Falamos de coisas, à mesa. Espera-se que alguns deles saiam este ano para os seus ninhos e deem lugar a outros. E' esta, até, a verdadeira finalidade da obra.

—Olhe; quere saber uma coisa? O nosso rádio ainda não está pago!

Esta informação do Luiz é uma forma mui delicada de me entrar nas algibeiras; e eu abro! Faze aos outros aquilo mesmo que gostas te façam. Ora eu gosto muito que me abram as algibeiras.

Dia seguinte, abalei de fugida vêr os de Miranda. Antes de me dirigir à Casa do Gaiato, subi ao Santuário de Tabuas, onde temos instalada a nossa colónia de campo dos garotos de Coimbra, actualmente com o derradeiro turno. Entrei na cozinha, que é justamente a parte mais interessante de tôdas as casas. Iam servir a refeição do meio

Continua na quarta página.



Vencidos pelos «trabalhos» de não terem ocupação, mais ainda do que pela fome, legiões de garotos adormecem nas ruas ao sol. Esta fotografia foi tirada nos Guindais. Temos a sua ampliação na Sucursal do Pôrto.

Muitos dêste rebentos humanos teem tido a sorte de encontrar trabalho na nossa «Aldeia» e à noite dormem em linho precioso, dentro de casas feitas de raiz; casas dêles para êles, amadas por êles.



20\$;
ovo,
ntó-
G.
Cruz
uiar
ães,
50\$;
nri-
eira
Au-
30\$;
reis,
José
o de
Ju-
20\$;
ede,
bra,
10\$;
José
20\$;
medi
50\$;
ães,
mes,
Brito
boa,
00\$;
5\$;
aiva,
o de
o de
alho,
êgo,
0\$;-
Ma-
50\$;
afiel,
P.e
nego
Emi-
nuel
peira
guei-
es de
Cruz,
5\$;-
quim
ncei-
50\$;
50\$;
Covi-
úbil,
Mon-
Al-
tónio
P.e
20\$;
P.e
20\$;
rtosa,
Santo-
stos,
ocha,
Nunes
é de
im da
20\$;
20\$;
Cap.
ntude
Xira,
Silva,
atónio
do de
lorico
s, Foz
ereira,
s, 20\$;

DO QUE NÓS necessitamos

Mais um automovel. Vem da Covilhã, da Serra da Estrela; da terra de grandes apaixonados por a *Obra da Rua*. Mais de Lisboa 150\$ de *O mialheiro do Gaiato*. Mais de Visitantes 70\$00 e 50\$00 e 200\$00 e mais 40\$00 e mais 50\$00. Mais um anel de ouro.

Mais visitantes. Venham ver com os seus olhos. O fervor pela obra, trouxe-nos uma família de Lisboa que nos deu 500\$00 para o cálice e uma bola de câmara com 3 velas de cêbo e uma data de lápis de côr e um cartucho de rebuçados e um de chocolates e uma nota de cem e muitas. Ai! que lindo e *ai! que bem*. Quis esta mesma família, ver com seus olhos e distribuir com suas mãos os rebuçados que traziam, a muitos dos rapazes conhecidos das páginas do importantíssimo quinzenal.

Mais 50\$00 de Matozinhos. Mais 5\$00 e mais 1.000\$00 de visitantes

Mais 100\$00 e mais 20\$00 e mais 40\$00 de visitantes. Mais um pacote de roupas usadas de Montemor-o-Novo. Mais uma camionete que nos apareceu às portas com uma data de peregrinos, os quais gostaram de ver e selaram a visita com 857\$00 e uma lata de bolachas. Não deixaram cartão!

A *Camisólandia* deu-nos 62 blusas, cujo trabalho de confecção foi gratuitamente oferecido pelo pessoal do nosso atelier, como vinha na carta. Os rapazes da sucursal queriam maquiagem: — Que era um presente do Porto. Que era da casa onde trabalha o Licínio. Que a melhor parte tinha de ser para os Gaiatos do Porto!

Vim lá com eles, mas não levaram a melhor. Ficaram com 17 blusas e eu trouxe o resto. Mais no *Depósito* 20\$00 de uma promessa e mais a tal meia libra de que em outro lugar se fala. Mais os costumados 50\$00 dos empregados da Vacuum, mais 20\$00 para os pobres da nossa Conferência.

Dos pequeninos episódios de toda a hora e em todo o lugar: *você é que é fulano*, mai-lo respectivo *tome lá*; — disse nem se fala. Há coisas no mundo que, pela sua grandeza, são imunes à vulgaridade, por muito que se vejam e se repitam. Estes episódios são assim. Cada um é uma palavra nova! Mais um saco de alimpas, para dar de comer ao gado de bico. Mais do Marquês 142, uma nota de 50\$00. Mais um lindo objecto de ouro, do Carvalhido, que será aplicado no altar da nossa capela, como é desejo do oferente.

Os jornais falam que o reino do ouro vai acabar, para dar vez a outra sorte de metal. O que não acaba nunca é a avareza. Enquanto houver no mundo um ser da nossa espécie, há o perigo de haver um avarento. Dantes, era ouro escondido em caçoilas. Hoje são notas metidas nos buracos. Vamos a ver o que vem lá, pr'a gente gosar os esconderijos. Ninguém atina com o melhor lugar, *onde não vai a traça nem os ladrões!*

Mais visitantes a falar com 100\$ e 20\$ e 20\$ e 20\$ e 10\$ e rebuçados. Mais lenços de Alcobaca. Bem haja, quem não se esqueceu. Mais 20\$ de visitantes.

ALIMENTAÇÃO PAGAS

Henrique Morais David, 100\$; Celeste Brás, 40\$; Maria Beatriz de Faria, 20\$; Rita Cristóvão, 20\$; Alcina de Matos Carneiro, 20\$; Ccr. dos C. T. T. da Extremadura, 37\$50; Manuel Van Hoof Ribeiro, 500\$; Beatriz Prazeres, 15\$; César da Fonseca, 100\$; Eloy Rogenmoser 20\$; Manuel Duarte Matias Ferreira, 200\$; — todos de Lisboa. — Dr. Agostinho Pizarro, Régua, 20\$; D. Carlota de Champainaud Pacheco, Régua, 20\$; Maria Ivone Brás Pereira, Vila de Rei, 50\$; João Gordilho da Silva Bagão, 25\$; Pároco da Maiorca, 50\$; Dr. José Luís Mendes Pinheiro, 50\$; — todos de Figueira da Foz. — Maria Aurora Santos Coelho, 50\$; Maria do Rosário Lima dos Reis, (50 jornais) 50\$; António Godinho, 22\$50; Maria Manuela de Nápoles Freire, 50\$; — todos de Coimbra. — Conego Gaspar de Freitas, 25\$; Alberto Costa, 50\$; Emílio Moreira Lopes, 20\$; Dr. Eugénio Carlos Alves P. O. Braga, 20\$; Teresa Salvador, 50\$; Maria Elvira Castro, 30\$; António Mário Ribeiro da Costa, 60\$; Alvaro da Silva Matos, 60\$; Fernando Simão, 60\$; Alfredo António de Azevedo, 25\$; Francisco David Ferreira da Silva, 100\$; Francisco Gouveia 20\$; Jaime Pereira da Silva, (2 anos) 60\$; Inês Martins, 20\$; — todos do Porto. — Luis Joaquim de Freitas, Alpendurada, 25\$; Dr. Gaspar Pinto da Silva, Ermezinde, 50\$; P.º Arnaldo Rebêlo, Ermezinde, 50\$; Alfredo Rodrigues Leitão, (1944 45) Vila N. de Ourém, 200\$; Maria Carolina da Silva, Guimarães, 25\$; P.º João Madeira Gonçalves, Cabêco de Vide, 50\$; Manuel Augusto da Silva Brandão, Baltar, 20\$; Dr. Acácio Mendes de Magalhães Ramalho, Lamego, 30\$; Maria Leonor Osório Pereira de Vilhena, Aguiar da Beira, 20\$; António Saraiva, de Aguiar, Freixo de Numão, 20\$; Dr. António Augusto Farinhote, Vila N. de Foscoa, 2\$; José Maria Gonçalves,

Murça 20\$; Luis Barroso, Valpaços 50\$; Lindorfo da Costa Dinis, Carzedada de Montenegro 20\$; José Saraiva, Carzedada de Montenegro 20\$; Maria Vitória Aires, Vila P. de Aguiar 25\$; Maria do Carmo Gusmão, Francelos 50\$; Augusto da Silva Sousa (1945 46), S. João da Madeira 50\$; Fernando M. A. Travassos de Almeida, Arganil 40\$; Alvaro Costa, Porto Antigo 50\$; Alfredo Fernandes de Brito, Seia, 20\$; Maria Celeste Monteiro, Albergaria-a-Velha, 40\$; Rosa Gonçalves Lopes Martins, Esposende 25\$; Margarida Ochen, Braga 20\$; Anita Lino, Braga 25\$; Nestor Vidal, Viseu 20\$; Maria do Carmo Mendes Godinho Almeida, Tomar 30\$; Henriqueta Godinho de Almeida Correia, Tomar 20\$; Geneviève Dongrie de Carvalho, Corin 20\$; Maria Fernanda Sarmiento, Torres Vedras 50\$; Júlia dos Santos Ferreira Barata, Gois 50\$; José de Castro e Lemos, 50\$; Manuel Ferreira Gomes, 50\$; Carlos Osório, 50\$; José de Pinho Melo, 40\$; José Pereira da Silva, 30\$; Alberto Nunes da Silva, 30\$; Dr. Manuel Pereira Amorim Lemos, 25\$; Amadeu dos Santos Bôdas, 25\$; Dr. Orlando Gomes da Costa, 25\$; Joaquim Leite de Pinho, 25\$; Dr. Albino Martins Fernandes, 20\$; Elvira Matos Barbosa, 20\$; Dr. Alvaro Ferreira Landureza, 30\$; — todos de Oliv. de Azameis. Jaime da Rocha Valente, Pinheiro da Bemposta, 30\$; António Henriques Martins, Pinheiro da Bemposta, 25\$; Maria Rosina Bastos Beckert, Algés, 100\$; Miguel Martins, Carcavelos, 100\$; João Alves Fernandes, Paço de Sousa, 10\$; Mong. Pantaleão José Costeira, Evor 50\$; Adelino Dias Costa, Avanca, 50\$; Sebastião José de Carvalho, Famalicão, 40\$; Manuel Alegre de Melo Duarte, A'gueda, 20\$; António Cândida Tabuada, Vila Real, 20\$; Alexandre Araújo Lobo, Freixiel' 50\$.

Continua

Arcebispo de Evora

É esta a segunda visita que este Prelado da Igreja quis fazer à nossa Aldeia. Eu podia dizer agora, como costuma pôr a grande imprensa, que Sua Excelência visitara demoradamente tôdas as dependências e que colhera da obra as mais gratas impressões; podia sim, que *O Gaiato* é um jornal, e eu sou um jornalista. Mas não. Antes quero que seja o Senhor Arcebispo a dizer aos outros o que viu e o que sentiu. Há mais verdade nesta maneira de falar. Eu tenho muito amor à verdade. Ela é o alimento da nossa obra!

De uma vez, estava anunciada para certo dia, em tal terra, uma festa de circunstância, na qual se prestava homenagem a alguém. A festa não se realizou neste dia. o que de maneira nenhuma impediu, que no seguinte, os jornais diários dessem ao público como tendo acontecido, o relato das coisas que não aconteceram. Eu li e pasmei! Ele há quem chame à imaginação fantasia; acho que o nome está muito bem pôsto. Senhor Arcebispo de Evora: não há nada no mundo mais claro do que o *sim, sim; não, não*, do Evangelho.

Podemos não encher com estas pequeninas palavras, grandes columnas dos jornais mas enchemos as almas de verdade e isso basta. Quando Vosso Excelência cá voltar, há-de ver mais ordem, mais gente, mais trabalho, mais jardins, mais lagos, mais convicção; — e há-de levar daqui mais que contar aos nossos Alentejanos. Não se faça demorar.

Livro de Ouro

Hoje, tem a palavra um Bispo Missionário:

— «Sou pobre, como é todo o missionário, que tudo quanto tem é de Cristo. Venho dizer-lhe que me conquistou para a Obra de Deus, que é a sua obra».

Fala um Bispo da Igreja, legítimo sucessor dos apóstolos, por isso mesmo usa a linguagem da verdade; — Obra de Deus, chama Ele à obra da Rua. E' necessário que os leitores olhem, meditem para aumento da fé. Fico tão triste, tão triste, parando oiço colocar o Padre Américo no cabeçalho! Onde colocas o alimento da tua fé, ó triste mortal, que gostas de ler o *Gaiato*? Acreditas no efêmero?

Que seria de um destes nossos pequenos, dos mais pequeninos, se de novo os mandássemos para a rua? E que seria da *Obra da Rua*, se ela estivesse nas mãos do tal padre?!

E' Deus quem dá o incremento. Olhe que cá por Portugal também há muita falta de missionários. Senhor Bispo; dêsses *que tudo quanto têm é de Cristo*.

Mande daí alguns para aumento de fé destas cristandades!

CRÓNICA DA NOSSA ALDEIA

POR
JOSÉ
EDUARDO

Continuamos a visitar os pobres do costume. O de S. Lourenço está na mesma e cada vez mais velho. Parece que em poucos dias envelhece um ano. O de Bairros também vai indo. De vez enquanto mandamos-lhe as tezoiras para êle arranjar. Ele arranja-as muito bem e conserta guarda-chuvas muito melhor. As do Assento vão indo menos mal e a do Leal ainda não recebeu a roupa para ela e para os filhos.

Quem dera que ela viesse um dia para eu no dia da esmola entregar ao meu querido pobre a roupa de que êles tanto necessitam.

O Secretário,
José Eduardo.

Andamos a fazer a vindima das uvas brancas. Os que as colheram foram os do campo e alguns dos outros que também ajudaram.

Já ceifamos alguns campos de milho. Quem o malhou e o acartou para a eira foram os do campo. Agora anda a secar.

Já andamos a mobiliar a casa número dois. Já levamos para lá as camas e os colchões. Este mês devemos de ir para lá.

O fogão já está montado e os homens que lá andaram a trabalhar fizeram lá o comer para ver se êle funcionava bem. Numa parte tem a data do dia em que foi montado. O que nós queremos é que êle funcione bem para o tacho ficar bem feito.

Eu faço anos no dia dois de Outubro. Acho que também mereço ter alguma prenda. Uns senhores visitantes deram-me um crucifixo com a respectiva corrente para pôr ao pescoço. Também deram-me uma medalha de Santa Terezinha do Menino Jesus e a mesma corrente.

Semeamos muitos giraçóis para as galinhas, que elas lhe chamam um figo.

A Snr.ª D. Sara que trata dos rapazes sobrinha do Snr. Padre Américo foi passar uns dias à Foz para descansar.

O Jeronimo foi para o Porto para o Comércio. Quem o levou foi o Oscar.

José Eduardo
Crónista.

VISITA À

Casa do Gaiato

Não fomos nós os primeiros: outros, muitos mesmo, já lá tinham ido...

Levados pela curiosidade, impulsionados pelo desejo nato no homem de ver para crer, de ver de perto, palpando se possível, tódas as partículas duma célula tão cuidadosamente tratada na sua formação pelo mais puro idealismo —o amor pela criança—como que receosos de que, pelo seu desenvolvimento, ela se integre, confundindo-se no corpo de que sempre foi parte—a Sociedade—predestinada a dignificá-la, contribuindo para o seu brilho e esplendor, colaborando nos objectivos indispensáveis à sua perfeição—muitos já lá tinham ido...

A pequena caravana *Tabú* infiltrou-se também, misturando-se no aglomerado de visitantes, invadindo corredores, dormitórios, a enfermaria, a sala de jantar e a cozinha do velho mosteiro de Paço de Sousa.

E' sob este teto acolhedor que, presentemente, destinos se estão formando em sentido inverso à expectativa inicial, cuidando-se do desenvolvimento da criança, amparando-a nas horas difíceis da sua existência, convergindo esforços para que a sua desventura de hoje, possa transformar-se na felicidade do homem de amanhã.

Extremamente construtiva, a obra alarga-se em demanda de novos horizontes de perfeição e solidariedade humana, num expressivo desejo de ajustar dos que dela beneficiam, a dolorosa imagem da vida sem lar e sem pão que tantos experimentaram. Continuando a visita chegamos à «Aldeia dos Rapazes» ainda em construção e, na primeira casa onde entramos, deparou-se-nos, a chamar-nos à realidade, o seguinte letreiro:

«Ajudai-nos a construir o nosso lar: assim nos libertais do banco dos réus».

Não pudemos impedir de nos deixarmos penetrar por este apêlo. Supomo-lo bastante eloquente para ser compreendido por todos e, por isso, abtemo-nos de o comentar, na esperança de que o espirito de cada um siga um caminho que conduza a facilitar tão grandiosa realização.

Pela nossa parte, compreendemos que o que lá deixámos foi infinitamente menos do que o que lá trouxemos: a certeza duma obra profundamente construtiva.

Quando a bondade humana chegar ao ponto de compreender a necessidade de precaver os futuros homens contra o que é mau e pernicioso, quando surgir uma nova geração de almas nobres que saibam dividir entre si honestamente os bens terrenos, que homenagens de reconhecimento não serão prestadas à obra de Paço de Sousa!

Noticias da Casa de Miranda

por João Carlos

A Festa da Senhora da Piedade correu com muito entusiasmo e muita animação. Tódas as cerimónias foram cantadas pelos Gaiatos. Deu-se café a todos os meninos do Gaiato, das colónias e aos meninos dos lugares vizinhos, que tomaram parte na Comunhão. Depois fomos limpar um caminho por onde havia de passar a procissão. Em seguida fomos jantar. Muita gente acampou debaixo das árvores para comerem à fresquinha os seus farnéis.

Andamos um bocado a brincar. A procissão muito linda com a imagem de Nossa Senhora da Piedade, seguiu pelas escadarias e caminhos da encosta da Serra. Atrás ia a Filarmónica. Tóda a gente ficou encantada com o espectáculo da procissão. Ao jantar, um Senhor deu-nos vinho e muitos outros compraram-nos campainhas e bilhas de barro. Demos muitos vivas à Senhora da Piedade. Era já muito tarde quando chegamos a casa.

///

O último turno das colónias de férias, foi-se embora no dia 10. Passaram pela Senhora da Piedade 148 rapazes da Rua. Agora está lá um turno de operárias, da Freguesia da Sé Nova.

///

NOS lugares vizinhos, ao pé da nossa casa, há gente muito invejosa. Já nos deitaram fogo a um pinhal que temos e meteram-nos pedras no cano da água que vem da mina, há pouco feita, e ainda nos querem tirar a água. E' uma grande maldade quem nos faz isto, porque nós nem a nossa casa, temos alguma coisa de ricos. Pois se nós fôssemos ricos, não precisaríamos de trabalhar para ganharmos o sustento de cada dia. Deus há-de nos acudir nestas aflições.

///

O Tónio come muito. Quando quer pão chega-se ao pé da Senhora e diz assim: a mãe é linda! Mas às vezes a Senhora não lhe dá pão e ele farta-se de chorar e às vezes até bate o pé. No outro dia, quando puseram o guiso ao gato, o Rui vai assim: o gato traz uma sineta!

///

A nossa vindima correu com muita alegria. Foram muitos vindimar. Levaram-se 2 dias. Comemos muitos cachos. Foi na quarta-feira de manhã que começou, seguindo o resto do dia. Já andamos a fazer o vinho e agora andamos a escolher os cachos para o bagaço. Já se fizeram 15 litros de aguardente.

///

NO outro dia à noite andavamos a brincar às escondidas quando um grande reboição vindo

do lado da cozinha surgiu: Fomos ver o que tinha sido. Foi o Leiria que para se esconder do velha, meteu-se dentro da arca do grão. Fechou a tampa e adormeceu lá dentro. Andavam todos à procura d'ele quando o velha foi dar com êle lá dentro da arca muito bem a dormir. Se lá estivesse mais tempo, podia ter morrido asfixiado. Quando saiu da arca vinha todo amarelo.

Noticias do Lar

Embora integrados na mesma família, não somos, pela idade que já representamos, os benjamins da Obra, nem o principal objecto das inúmeras preocupações do nosso Pai Américo. Estamos formados, ou ainda melhor, no final do caminho da nossa formação, aptos e obrigados a não vacilarmos, como Hércules, na direcção da virtude, do bem. Isto dispensa-nos, e até com certo orgulho, de uma constante vigilância paternal, sem que todavia, ela, por vezes, não nos faça falta. Mas o nosso ponto é este: não somos pequenos, não temos a graça dos nossos irmãos mais novos, sendo por isso que estas notícias pessoais vão deixar de ter a graça e a frescura infantis. A falta de artigo de fundo, vasculham-se retalhos.

O João Augusto, economizador número um, comprou há dias um relógio de pulso. Apesar de ser o mais rico de todos nós, pois que tem depositados, na C. G. D., 2 quilos d'ele, quando vê as horas lamenta-se do dinheiro que teve de dar pela sua rica cebola. E' muito poupado até por excesso, e isto tem-lhe merecido os maiores elogios. Uma noite ao deitar-se, perguntou-nos, num ar de completa ingenuidade: «Ouçam lá—se eu conseguisse parar a corda ao relógio durante a noite êle não duraria mais tempo?» Como não podia deixar de acontecer, foi acometido por risadas, que o obrigaram a reconsiderar na impossibilidade do seu desejo.

O Guedes, o pai dos gatos, tem um coração de ouro. Há dias, o Sá, por indisposição, tratou de lhe excluir da lista o seu cachorro mais pequeno. Pois ainda hoje o Guedes se pranteia, às ocultas, pela perda inestimável do seu bicho. Causa dó! Contudo, esta sua ultra-dedicação, tem-lhe levado algumas repreensões, porquanto não está certo que êle assente os bichos à mesa, a compartilhar do seu prato.

O Botto, a mascote da casa, anda alienado. Estuda matemática incansavelmente, absorto de tudo e de todos, chegando a não cumprimentar as pessoas conhecidas que por êle passam. Temos um génio! Certa noite, altas horas da madrugada, ouviram-no a sonhar, definindo o quadrado da diferença e da soma de duas quantidades.

A nossa casa é pobrezinha. Sente-se, até, com bastantes dificuldades para mantê-la com o mínimo indispensável de condições. Mas essas dificuldades não impedem o auxilio aos pobrezinhos, que constantemente batem à nossa porta, principalmente à hora das refeições. E se tivéssemos estatísticas, podíamos rivalizar com outras que se vêm a toda a hora, transcritas em jornais, revistas, etc. Para nós, a caridade assim impressa em folhas de papel, não passa além de propaganda, e deixa de ter valor aos olhos do Céu. — Quem passar o nosso portal, deparará com esta legenda, que simboliza bem a nossa vontade em socorrermos os que nos procuram. Eles não deixam mentir.

Se és amigo, entra amigo, O pão que temos aqui, Neste pequeno abrigo, Também chega para ti.

Carta da Obra do Ardina

Lisboa por enquanto!...

Cá estamos outra vez, e, desta feita a dar notícias da nossa «Colónia de Férias», que está decorrendo o melhor possível.

Em cada ano que passa, notamos mais disciplina, mais sentido das responsabilidades nos nossos rapazes. Cenas cómicas, como o «Vitor Manuel» (8 anos) a explicar-nos, ao vivo, que o fato de banho «tugiu» numa onda, quando o estava a lavar, a querer convencer-nos a darmos-lhe outro... o «Fernando Paiva» aflito porque deixa uma paça de roupa «enterrada» na areia...

E assim por diante... Cenas edificantes, como o «João Soares» a vir-nos entregar uns óculos escuros que encontrou na mata, e outros a entregarem-nos um laço de seda azul que caiu da cabeça duma garota, que seguia num automóvel na estrada...

A casa, tudo em ordem, devido aos 4 chefes — António e João Gonçalves Pereira—Ilídio da Luz e Adelino Marques—que sabem orientar-se e orientar os outros no caminho do bem e do trabalho.

E vale a pena ver o amor à «Casa do Ardina», o respeito pela sua acção educativa, nêles próprios que dela beneficiam!...

Eles sentem que lhe devem tudo o que são! Graças a Deus! E nós?...

Ficamos a dar graças ao Senhor, pela «Obra do Ardina» por êles, e... por todos quantos nos ajudam!...

A pedir... que se multipliquem tódas as generosidades, tódas as consoações, porque... mais «Casas do Ardina».

Porto?... Estamos prontos a abrir lá uma «Casa do Ardina».

Coimbra?... O mesmo.

E a 1 de Novembro, ainda mal feitas das despesas com esta «Colónia de Férias», devemos abrir a segunda «Casa do Ardina» de Lisboa.

Quem nos ajuda?... (As respostas esperam-se na Calçada da Glória, 39—Lisboa).

MARIA LUÍSA

ULTIMO DO JORNAL

De novo saíram os semeadores da quinzêna, a levar a boa nova aos que gostam de nos lêr. O Amadeu, trouxe *uma coisa para tirar retratos*;—mais uma óptima máquina fotográfica. Foi no Porto que lha deram. O António, trouxe de Leça umas grandes botas que uma Senhora amiga lhe deu, com recado expresso de que não queria ficar a ser a *senhora das botas*, do que tomamos devida nota.

O rapaz, tira lá isso da minha frente que é de padres, informou o Manuel, de alguém que assim falara; e o António de Cête, diz coisas da mesma sorte, de onde se infere que o padre, não é dos melhores cartazes.

A venda total, no Porto e nas Praias, foi de 1636 exemplares. Entregaram 557\$ de acréscimos. Assinaturas novas, 130\$. Assinantes antigos, 120\$. Livros *Pão dos Pobres*, 360\$00. Uma esmola de 20\$00.

Nas termas e vila de Paredes, venda animada. O Amadeu, segura ainda a camisola amarela. O Fernando deu-lhe um salto; mas não o agarrou.

CONTINUAÇÃO DAS JORNADAS

Conclusão da primeira página

dia. Era caldo de feijão branco, e o prato, era carneiro com batatas e vagens. Os catraios deliravam!

O povo das redondezas, o nosso povo pacífico e esmoler, não se tem cansado de oferecer do seu pouco, e eu, de agradecer.

Acabamos de comer e desci o monte, rumo à Casa do Gaiato, que se divisa lá ao fundo, na orla dos pinheiros.

Tinham-me dado ontem, em Paço de Sousa, uma pancada de rebuçados para os nossos rapazes, porém, guardado está o bocado... Comeram-nos os de Miranda, numa grande bicha de 40 élos, muito impaciente, muito discutida—eu cá ainda não tive!

As horas apertam. Tomo o carro que de Coimbra me traxera; carro alugado, já se vê. Os senhores ou senhoras que mo poderiam oferecer, estão à espera que outros o façam, que vem a ser uma forma elegante de eu ficar sem êle!

A's 17 e quê, chega do Pôrto o comboio de Oeste, com escala por São Martinho. E' o meu comboio. Dá comigo, àquela hora, um nada contrafeito. E' que justamente eu tinha acabado de dar o um pobre de Coimbra, muito meu conhecido, uma data de moedas de tostão; todas quantas trazia na algibeira. E no meio delas, por engano, foi uma de oiro que no Pôrto me haviam dado. Não era o oiro que me fez triste. E' que aquêle pobre, muito meu conhecido, costuma embebedar-se. Por isso mesmo, tivera eu o cuidado extremo de escolher as moedas mais pobres para o defender do mal, mas com a pressa que estava, deixei ir a meia libra! Tenho pênna do mal que involuntariamente lhe causei.

O abuso do vinho, é mais uma desgraça a juntar à vida dos desgraçados da rua. Quando não é herança, tem uma história. Tantas que eu conheço!

—E' p'ra esquecer, meu padre.

Começou com figos e aguardente e hoje já não tem cura! O marido deixara-a com seis filhos nos braços, moça e galante e ela entrou numa taberna a buscar o primeiro remédio do seu grande mal. Como esta, quantas histórias não sei eu!

Ele há o sublime na vida dos Miseráveis. Deus não olha para eles com os nossos olhos. Não os julga como nós julgamos. A causa deles, à hora da morte, há-de ter bem melhor defeza do que a nossa.

Isto, quanto à história do pobre que se embriaga. E que dizer das heranças?! Temos um pequenino em Miranda do Corvo, a quem temos de esconder o vinho. Tem 4 anos de idade!

Aqui há tempos, em Paço-de-Sousa, um dos nossos refetoreiros chamou 3 compadres mais pequeninos do que êle, foi à adega, e o resto não se diz...!

Tenho um pobre meu, detido em casa de seus pais por uma doença incurável a quem não posso fazer bem por causa do mau que faria, entregando-lhe dinheiro. Não é êle; os pais é que não resistiriam à tentação. A taberna está sempre perto desta classe de gente! Ainda se ao menos houvesse em Portugal uma casa para doentes incuráveis teriamos solução airosa. Assim, é um nó cego!

O comboio chega do Pôrto, a respirar. Vinha cheio. Nas estações, mais passageiros! Chegado a São Martinho, eram cachos nos

estribos e dizia-se que dali até Lisboa é que havia de ser! Atravessei malas e pernas e desci apavorado.

O meu nome estava nos cartazes, para uma conferência. O Prior, também me tinha anunciado no altar. Só falta grudar o retrato, para eu ser vedeta das esquinas! Como o mundo arrasta! Eu cá hei-de fazer tudo para não perder o tino. Outros, mais inteligentes, têm escorregado e caído!

São Martinho é a praia do silêncio. A concha que o mar ali faz não tem par.

Tivera eu tempo, e seria aquela a minha praia.

A mesma Gente, deu-me sensivelmente a mesma quantia do ano anterior: sete contos e joias. Os pequenos Ravara, tres loiros e uma loira, apareceram com seu envelope.

—Ainda temos mais um que ficou no berço,—foi a noticia esportiva do mais pequenino dos irmãos.

—Somos primos, declararam os pequenos Lino Neto, que vieram juntamente, pagar a assinatura de «O Gaiato» desordeiro.

Estou agora na estação à espera do flecha que vem da Figueira para Lisboa. Eu tinha pôsto ir à Capital do Império e de lá, regressar à capitalsinha do Norte. Tinha, sim senhor, mas Deus dispõe. O flecha vinha à cunha. Ali, entrou meio mundo e eu fiquei de fora, de maneira que—adeus programa!

Sem sair da estação nem da minha paz, que é a moeda com que Deus paga aos seus servos, esperei o comboio Lisboa-Pôrto, e tomei lugar nele, via Alfarelos. Iamos com grande atrazo, pelo que não houve tempo de almoçar ali. Pampilhosa, idem. Chegamos às Devezas tarde, e horas más—porque de fome. Fiquei ali. Ranchos de garotos veem à tóna: uma sopinha!

Ali perto há um refetório da Legião. Eu ando sempre munido de balas, graças ao Oscar de Magalhães. Os garotos já sabem:—uma senhinha! Tomo o electrico, onde pago tanto como nos comboios, graças aos Pobres que tudo me dão. Melhor; por eles me vem tudo agora, e o que será depois...! Nunca os olhos viram, nem os ouvidos escutaram, nem o coração dos homens é capaz de sentir o que Deus tem guardado!

Na Granja, esperavam-me no dia seguinte. Foi na Assembleia, às 19 em ponto, que eu dei o recado. Vou ali há muitos anos, pelas mãos da Família Mancellos. Trinta e cinco notas.

O jantar em casa da Dona Maria Mancellos, foi distinto e sobrio. Um senhor que não esteve na Assembleia, trouxe-me um envelope à hora do comboio. A' meia noite, batia às portas da sucursal da nossa Casa. Quatro farrapões, estavam estendidos na soleira.

—A gente viu-o hoje na rua e vem aqui pedir uma so pinha!

Tomei umas horas à minha conta e fui com elas ver o mar, logo que amanheceu. Eu gosto do mar. Não é das praias, é do mar. Se eu me pertencesse, muito havia de gozar naqueles mesmos sitios de onde tanta gente se aborrece! Fui almoçar ao Boavista, na Foz.

Ainda à mesa, e o dono da Casa vem-me anunciar que anda uma subscrição para a Casa do Gaiato. Veio a saca. Perto de 50.800 e uma lista de assinantes.

A Obra da Rua já é uma comunhão espiritual, de que os santos sentem necessidade!

FOI hoje a nossa vindima do branco. Quanto à balbúrdia, só visto! E' extremamente difícil conservar cada um na sua obrigação, porquanto, cada um se julga na obrigação de ir à vindima. Além disso, a vindima em nossas casas, significa dia de circular e de comer à vontade. Não há restrições. Os cozinheiros já sabem e reduzem o prato.

TEMOS as nossas nozes a secar. O Ernesto está de fachina. Não é que não tenhamos confiança nos rapazes; é que conhecemos a sua fraqueza. São nozes e está tudo dito.

TEM-SE escutado aos ignorantes, um reparo muito severo à nossa organização com estas palavras textuais: *fulano diz ser muito amigo dos rapazes mas obriga-os a trabalhar.* Nós já cá sabíamos que a ignorância não faz cerimónias e entra por qualquer porta, atrevidamente. Sim, já sabíamos, mas gostamos de frizar este conhecimento com novos exemplos, para aumento de convicção.

Ora a razão da minha amizade por estes rapazes consiste em levá-los mansamente ao gosto pelo trabalho, e uma vez assim afeiçoados, êles mesmos por suas próprias mãos, tomam-no alegremente, de sol-a-sol. Pode ser que mais tarde êles venham a conhecer as oito horas de trabalho. Hoje, aqui em casa, conhecem e praticam horários mais altos,

NOTÍCIAS DIVERSAS NOTÍCIAS

Os que têm obrigações de cozinha e arranjos de casa, começam ao nascer do sol e deitam-se pela noite dentro. O trabalho na nossa obra é uma arma pacífica, instrumento de alegria, uma força construtiva. Nós não obrigamos ninguém a trabalhar; fazemos, sim, com que êles criem em si a necessidade do trabalho. Aqui é que está. Se os Senhores mal-las Senhoras que tam asperamente reparam nos nossos necessitados; se êstes tais, digo, tivessem em pequeninos aprendido a trabalhar, não teriam hoje tempo de olhar para trás, cheios, como estariam, de trabalho.

Assim, cheios como estão de si mesmos, não tem outro remédio senão disparar.

FIQUEI hoje um nadinha escandalizado com o Zé Eduardo, quando

o vi no altar a ajudar-me à Missa com os braços de uma figa a sair pela algibeira fóra!

—P'ra que é isso, perguntei-lhe, na sacristia?

—P'ros pardais!

O Gregório, do Fundão, levantou ferro e caminhou. Antes de o fazer, dirigiu-se aos dois que com êle chegaram: o Amândio do Pôrto e o Celso de Vizeu, mas não encontrou opinião, pelo que foi sósinho.

Eu acho admirável êstes espíritos aventureiros! Não olham a perigos nem a distâncias. Não temem; vão! Vale a pena sacrificar a gente, para aproveitar êstes valores.

No dia seguinte, telefonava a Câmara de Valongo, a comunicar que Gregório

estava ali sob custódia. Imediatamente Rio Tinto segue para aquela terra com credenciais minhas, afim de acompanhar Gregório. Gregório chegou às tantas, acompanhado do seu guardião, sem algêmas. A' noite, respondeu. Pretendeu denunciar outros, mas aqui não passa essa doutrina. Não damos licença que uns encravem outros, sobretudo para se desculparem. Cada um responde por si. Ele, o Gregório, assim fez. Escolheu o castigo:—uma semana sem merenda. Quem escolhe o castigo, reconhece a culpa.

O que chegou a Miranda

Nem todos nos esquecem. Dentre as coisas mais valiosas que nos têm enviado, conta-se um fardo de fazenda da Covilhã, que deu para fazer calções quasi para todos. E' pena que não nos mandem uma peça de riscado para camisas porque as que temos já se estão quasi a acabar. Da Beira mandaram-nos um caozito e um casal de pombos, mas como o condutor não nos deu o recado a tempo, já cá não chegaram vivos. Seria bom prevenir-nos pelo telefone: o da Casa do Gaiato é o 7325 e o do Lar de Coimbra é o 3073.